

O devir no fenecer¹

Tradução de André Felipe Gonçalves Correia*

HÖLDERLIN, Friedrich. “Das Werden im Vergehen”. In: *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe* (vol. 4). Edição de Friedrich Beissner, Stuttgart Kohlhammer, 1958, pp. 294-299.

Em declínio, a pátria, a natureza e os homens, na medida em que se encontram em uma reciprocidade de efeito particular, constituem um mundo tornado ideal em sua *particularidade*, uma ligação das coisas, e, nessa medida, se dissolvem para que da sua e da geração remanescente, assim como das forças remanescentes da natureza, que são o outro princípio, o princípio real, se forme um novo mundo, uma nova reciprocidade de efeito, embora também particular, do mesmo modo que aquele declínio adviera de um mundo puro, porém particular. Pois o mundo de todos os mundos, o todo em todos, o qual é sempre, só se *apresenta* no todo do tempo – ou no declínio, ou no momento, ou, mais geneticamente, no devir do momento e começo de tempo e mundo; e esse declínio e começo é, como a linguagem, expressão, signo, apresentação de um todo vivo, porém particular, o qual, em seus efeitos, converge novamente para isso, de maneira que nele, assim como na linguagem, de um lado parece haver menos ou nada de um subsistente vivo e do outro lado, tudo. No subsistente vivo predomina um tipo de relação, *um tipo de material*, ainda que nisso se possa depreender todos os demais tipos. Naquilo que passa, a possibilidade de todas as relações é predominante, embora daí se possa retirar e esgotar a possibilidade particular, de maneira que, por intermédio dela, o efeito finito emerja da infinitude.

¹ Fragmento redigido provavelmente entre os anos de 1799 e 1800, época em que o poeta e pensador suábico se ocupava de sua tragédia *A morte de Empédocles*, de sorte que ele pode ser lido a partir das reflexões acerca do trágico empreendidas pelo autor. Sua primeira publicação data de 1911, no terceiro volume das obras coletadas de Hölderlin, sob a edição de Wilhelm Böhm. Utilizamos-nos da edição de Stuttgart, que intitulara o fragmento de *Das Werden im Vergehen* (O devir no fenecer). A edição de Frankfurt o intitulou, posteriormente, de *Das untergehende Vaterland* (A pátria em declínio). Fazemos esse registro porque ambas as edições possuem aparato filológico para as suas opções. O texto da edição alemã, que consta na sequência da tradução para o português, vale a nível de citação, ou seja, apenas para fins acadêmicos e não comerciais, sem qualquer intenção de desrespeitar eventuais direitos da editora ou do editor.

* Doutorando em filosofia pela UFRJ. Bolsista CNPq. E-mail: felgorreia@hotmail.com

Esse declínio ou passagem da pátria (nesse sentido) sente a si nos membros do mundo subsistente de tal modo que, precisamente no momento e grau em que o subsistente se dissolve, também sente a si na nova intervenção, no jovem, no possível. Pois como a dissolução poderia ser sentida sem unificação? Se o subsistente, destarte, deve ser sentido e é sentido em sua dissolução, então, *no mesmo passo, o inesgotado e inesgotável das relações e das forças*, tanto quanto aquela, a dissolução, tem de ser sentido mais por intermédio da unificação do que o inverso, pois do nada nada advém, e isso, tomado gradualmente, retrata aquilo que se dirige à negação, e na medida em que parte da efetividade, sem ser ainda um possível, não pode se efetivar.

Não obstante, *o possível*, que adentra a *efetividade*, na medida em que *a efetividade se dissolve*, se efetiva e produz tanto a sensação da dissolução quanto a recordação do dissolvido.

Por isso, o absolutamente original de toda linguagem genuinamente trágica, o sempre criativo . . .² o surgir do individual a partir do infinito, e o surgir do infinitamente finito ou eternamente individual a partir de ambos; o compreender, o revitalizar, não do tornado incompreensível, inanimado, mas sim do incompreensível, do inanimado da dissolução e do conflito da própria morte, mediante o harmônico, compreensível e vivente. Exprime-se aqui não a crua dor primeira da dissolução, a qual, em sua profundidade, *é ainda por demais* desconhecida àquele que sofre e observa; nessa dor, o novo surgente, o ideal, é indeterminado, trata-se mais de um objeto de temor, ao passo que a dissolução em si mesma *parece* mais efetivamente subsistente, e o real, ou aquilo que se dissolve, no estado entre ser e não-ser, é compreendido no necessário.

A nova vida é agora efetiva; aquela que deveria se dissolver, e se dissolveu, é agora possível (*antigo* ideal); a dissolução é agora necessária e carrega seu caráter peculiar entre ser e não-ser. No estado entre ser e não-ser, entretanto, o possível se torna, por toda parte, real, e o efetivo, ideal, e isso, na livre imitação artística, é um sonho temível, porém divino. Por conseguinte, a dissolução, enquanto necessária, do ponto de vista da recordação ideal, se torna, enquanto tal, objeto ideal da vida recém desenvolvida, uma retrospectiva sobre o caminho que teve de ser atravessado do início da dissolução até ali onde, a partir da nova vida, pode alcançar uma recordação do dissolvido, e disso, enquanto explicação e unificação da lacuna e do contraste que ocorre entre o novo e o

² Lacuna e pontuação que constam no manuscrito original.

passado, a recordação da dissolução. Essa dissolução ideal não é temível. O ponto inicial e o ponto final já estão postos, achados e assegurados, por isso que essa dissolução é também mais segura, mais irrefreável e mais arrojada, e ela se apresenta, destarte, como aquilo que propriamente é, como um ato produtivo mediante o qual a vida percorre todos os seus pontos, e para ganhar a soma total, não se demora em coisa alguma, se dissolve em cada coisa para se estabelecer na que se segue; só que a dissolução se torna mais ideal no grau em que ela se distancia de seu ponto de partida, ao passo que, no mesmo grau, o estabelecimento se torna mais real, até que, por fim, da soma dessas sensações do fenecer e do surgir percorridas infinitamente em um só momento, advenha um sentimento de vida total, e disso, o único excluído, o inicialmente dissolvido, emerja na recordação (mediante a necessidade de um objeto em estado mais pleno); e uma vez que essa recordação do dissolvido, do individual, está reunida com o infinito sentimento de vida mediante a recordação da dissolução e a lacuna entre ambos está preenchida, então emerge, a partir dessa unificação e comparação do passado singular e do infinito presente, o estado legitimamente novo, a nova etapa que deve suceder ao que passou.

Assim, na recordação da dissolução, esta se torna, uma vez que suas duas extremidades permanecem firmes, o ato totalmente seguro, irrefreável e arrojado que propriamente ela é.

Todavia, essa dissolução ideal também se distingue, assim, da efetiva, uma vez que ela segue do presente infinito para o passado finito, de modo que, 1) de cada ponto da mesma dissolução e estabelecimento, 2) um ponto, em sua dissolução e estabelecimento, está infinitamente mais entrelaçado com todos os outros, 3) cada ponto, em sua dissolução e estabelecimento, o está com o sentimento total de dissolução e estabelecimento; e tudo se penetra, se toca e se concerne mais infinitamente em dor e alegria, em conflito e paz, em movimento e repouso, em forma e ausência de forma, e, destarte, se efetiva um fogo celeste ao invés de um terrestre.

Por fim e novamente, uma vez que a dissolução ideal segue, inversamente, do presente infinito para o passado finito, a dissolução ideal também se distingue da efetiva pelo fato de ser mais integralmente determinada; de não acoplar em um, com inquietude angustiante, vários pontos essenciais de dissolução e estabelecimento; de não desviar-se angustiadamente no inessencial, no que é impedimento, e, por conseguinte, no que é propriamente mortal para a temida dissolução, e, assim, também para o estabelecimento; de também não se limitar de modo exacerbado, com angústia e unilateralidade, em um

ponto de dissolução e estabelecimento, e, assim, novamente ter se conduzido ao propriamente morto, sem que siga o seu andamento preciso, reto e livre; de que é, em cada ponto de dissolução e estabelecimento, inteiramente aquilo que nele pode ser, aquilo que apenas nele pode ser, ou seja, verdadeiramente individual; também de que, naturalmente, não insere à força, nesse ponto, o inadequado, o disperso, mesmo que em si e aqui insignificante, mas percorre livre e plenamente o ponto singular em todas as suas relações com os demais pontos de dissolução e estabelecimento, os quais se encontram após os dois primeiros pontos *hábeis* de dissolução e estabelecimento, a saber, os opostos novo infinito e antigo finito, todo real e particular ideal.

Por fim, a dissolução ideal se distingue da denominada efetiva (uma vez que aquela segue, de maneira inversa, do infinito para o finito *após ter seguido do finito para o infinito*) pelo fato de que a dissolução, por desconhecimento de seu ponto final e de seu ponto inicial, tem de aparecer simplesmente como um nada real, de modo que tudo o que é subsistente, isto é, particular, aparece como um todo; e aparece, assim, um idealismo sensível, um epicurismo, tal como acertadamente o apresenta Horácio, que só dramaticamente necessitara desse ponto de vista, em sua *Prudens futuri temporis exitum*³ – portanto, a dissolução ideal se distingue da denominada efetiva, por fim, pelo fato de que esta parece ser um nada real, ao passo que aquela, uma vez que é um devir do individual ideal para o real infinito e do real infinito para o ideal individual, ganha tanto mais em grau de conteúdo e harmonia quanto mais for pensada como passagem do subsistente ao subsistente, assim como o subsistente ganha mais em grau de espírito quanto mais for pensado como surgido daquela passagem ou surgindo para aquela passagem; de maneira que a dissolução do individual ideal aparece não como extenuação e morte, mas sim como renascimento, como crescimento, e a dissolução do novo infinito, não como violência aniquiladora, mas sim como amor, de modo que ambas coadunadas aparecem como um ato criativo (transcendental), cuja essência é reunir o individual ideal e o infinito real, e cujo produto, portanto, é o infinito real reunido com o individual ideal, onde então o real infinito assume a forma do ideal individual, e este, a vida do real infinito, de modo que ambos se reúnem em um estado mítico onde, juntamente com a oposição do real infinito e do ideal finito, cessa também a passagem, até o ponto em que esta ganha em quietude o que aqueles ganharam em vida, um estado que não é para se confundir com o real infinito lírico, e tampouco, em seu surgimento durante a passagem, com o ideal

³ Cf. *Ode III, XXIX*, v. 29.

individual epicamente apresentável, pois em ambos os casos ele reúne o espírito de um com a apreensibilidade, sensibilidade do outro. Ele é, em ambos os casos, trágico, i.e., ele reúne, em ambos os casos, o real infinito com o ideal finito, e ambos os casos são diferentes apenas em grau, pois, também durante a passagem, são espírito e signo, em outras palavras, a matéria da passagem com esta e esta com aquela (o transcendental com o isolado), como órgãos animados com ânima orgânica, como o Uno harmonicamente contraposto.

Dessa trágica unificação do novo infinito e antigo finito, desenvolve-se então um individual novo, no qual o novo infinito, por intermédio da forma do antigo finito que assumira, se individualiza agora em forma própria.

O individual novo aspira agora a se isolar e a escapar da infinitude no mesmo grau em que, no segundo ponto de vista, o isolado, o antigo individual, aspira a se generalizar e a se dissolver no sentimento de vida infinito. *O momento em que o período do novo individual se finda é aquele em que o novo infinito se porta para com o antigo individual como poder dissolvente, como poder desconhecido, assim como no período precedente o novo se portara para com o antigo infinito como poder desconhecido; esses dois períodos estão contrapostos entre si, a saber, o primeiro como dominação do individual sobre o infinito, do singular sobre o todo, e o segundo como a dominação do infinito sobre o individual, do todo sobre o individual. O final desses dois períodos e o começo do terceiro situa-se no momento em que o novo infinito, como sentimento de vida (como Eu), se porta para com o antigo individual como objeto (como Não-eu), [...]*⁴

Após essas contraposições, unificação trágica dos caracteres; após essa, contraposições dos caracteres em reciprocidade, e inversamente. Após essas, a trágica unificação de ambos.

⁴ Lacuna do texto original.

Das Werden im Vergehen

Das untergehende Vaterland, Natur und Menschen, insofern sie in einer besondern Wechselwirkung stehen, eine *besondere* ideal gewordene Welt, und Verbindung der Dinge ausmachen, und sich insofern auflösen, damit aus ihr und aus dem überbleibenden Geschlechte und den überbleibenden Kräften der Natur, die das andere, reale Prinzip sind, eine neue Welt, eine neue, aber auch besondere Wechselwirkung, sich bilde, so wie jener Untergang aus einer reinen, aber besondern Welt hervorging. Denn die Welt aller Welten, das Alles in Allen, welches immer *ist*, *stellt* sich nur in aller Zeit – oder im Untergange oder im Moment, oder genetischer im Werden des Moments und Anfang von Zeit und Welt *dar*, und dieser Untergang und Anfang ist wie die Sprache Ausdruck Zeichen Darstellung eines lebendigen, aber besondern Ganzen, welches eben wieder in seinen Wirkungen dazu wird, und zwar so, daß in ihm, sowie in der Sprache, von einer Seite weniger oder nichts lebendig Bestehendes, von der anderen Seite alles zu liegen scheint. Im lebendig Bestehenden herrscht eine Beziehungsart, und *Stoffart* vor; wiewohl alle übrigen darin zu ahnden sind, im übergehenden ist die Möglichkeit aller Beziehungen vorherrschend, doch die besondere ist daraus abzunehmen, zu schöpfen, so daß durch sie Unendlichkeit die endliche Wirkung hervorgeht.

Dieser Untergang oder Übergang des Vaterlandes (in diesem Sinne) fühlt sich in den Gliedern der bestehenden Welt so, daß in eben dem Momente und Grade, worin sich das Bestehende auflöst, auch das Neueintretende, Jugendliche, Mögliche sich fühlt. Denn wie könnte die Auflösung empfunden werden ohne Vereinigung, wenn also das Bestehende in seiner Auflösung empfunden werden soll und empfunden wird, so muß *dabei das Unerschöpfte und Unerschöpfliche, der Beziehungen und Kräfte*, und jene, die Auflösung, mehr durch diese empfunden werden, als umgekehrt, denn aus Nichts wird nichts, und dies gradweise genommen heißt so viel, als daß dasjenige, welches zur Negation gehet, und insofern es aus der Wirklichkeit gehet, und noch nicht ein Mögliches ist, nicht wirken könne.

Aber *das Mögliche*, welches in die *Wirklichkeit* tritt, indem *die Wirklichkeit sich auflöst*, dies wirkt, und es bewirkt sowohl die Empfindung der Auflösung als die Erinnerung des Aufgelöstes.

Deswegen das durchaus originelle jeder echttragischen Sprache, das immerwährende schöpferische .⁵ das Entstehen des Individuellen aus Unendlichem, und das Entstehen des Endlichunendlichen oder Individuellewigen aus beiden, das Begreifen, Beleben nicht des unbegreifbar, unselig gewordenen, sondern des unbegreifbaren, des Unseligen der Auflösung, und des Streitigen des Todes selbst, durch das Harmonische, Begreifliche Lebendige. Es drückt sich hierin nicht der erste rohe in seiner Tiefe dem Leidenden und Betrachtenden *noch zu* unbekannter Schmerz der Auflösung aus; in diesem ist das Neuentstehende, Idealische, unbestimmt, mehr ein Gegenstand der Furcht, da hingegen die Auflösung an sich, ein Bestehendes selber wirklicher *scheint* und Reales oder das sich Auflösende im Zustande zwischen Sein und Nichtsein im Notwendigen begriffen ist.

Das neue Leben ist jetzt wirklich, das sich auflösen sollte, und aufgelöst hat, möglich (*ideal alt*), die Auflösung notwendig und trägt ihren eigentümlichen Charakter zwischen Sein und Nichtsein. Im Zustande zwischen Sein und Nichtsein wird aber überall das Mögliche real, und das Wirkliche ideal, und dies ist in der freien Kunstmachung ein furchtbarer, aber göttlicher Traum. Die Auflösung also als Notwendige, auf dem Gesichtspunkte der idealischen Erinnerung, wird als solche idealisches Objekt des neuentwickelten Lebens, ein Rückblick auf den Weg, der zurückgelegt werden mußte, vom Anfang der Auflösung bis dahin, wo aus dem neuen Leben eine Erinnerung des Aufgelösten, und daraus, als Erklärung und Vereinigung der Lücke und des Kontrasts, der zwischen dem Neuen und dem Vergangenen stattfindet, die Erinnerung der Auflösung erfolgen kann. Diese idealische Auflösung ist furchtlos. Anfangs- und Endpunkt ist schon gesetzt, gefunden, gesichert, deswegen ist diese Auflösung auch sicherer, unaufhaltsamer, kühner, und sie stellt sie hiemit, als das was sie eigentlich ist, als einen reproduktiven Akt, dar, wodurch das Leben alle seine Punkte durchläuft, und um die ganze Summe zu gewinnen, auf keinem verweilt, auf jedem sich auflöst, um in dem nächsten sich herzustellen; nur daß in dem Grade die Auflösung idealer wird, in welchem sie sich von ihrem Anfangspunkte entfernt, hingegen in eben dem Grade die Herstellung realer, bis endlich aus der Summe dieser in einem Moment unendlich durchlaufenen Empfindungen des Vergehens und Entstehens, ein ganzes Lebensgefühl, und hieraus das einzig ausgeschlossene, das anfänglich aufgelöste in der Erinnerung (durch die Notwendigkeit eines Objekts im vollendetsten Zustande) hervorgeht, und nachdem diese Erinnerung des

⁵ Lacuna e pontuação que constam no manuscrito original.

Aufgelösten, Individuellen mit dem unendlichen Lebensgefühl durch die Erinnerung der Auflösung vereinigt und die Lücke zwischen denselben ausgefüllt ist, so geht aus dieser Vereinigung und Vergleichung des Vergangenen Einzelnen, und des Unendlichen gegenwärtigen, der eigentlich neue Zustand, der nächste Schritt, der dem Vergangenen folgen soll, hervor.

Also in der Erinnerung der Auflösung wird diese, weil ihre beiden Enden fest stehen, ganz der sichere unaufhaltsame kühne Akt, der sie eigentlich ist.

Aber diese idealische Auflösung unterscheidet sich auch dadurch von der wirklichen, auch wieder, weil sie aus dem Unendlichgegenwärtigen zum Endlichvergangenen geht, daß 1) auf jedem Punkte derselben Auflösung und Herstellung, 2) ein Punkt in seiner Auflösung und Herstellung mit jedem andern, 3) jeder Punkt in seiner Auflösung und Herstellung mit dem Totalgefühl der Auflösung und Herstellung unendlich verflochten ist, und alles sich in Schmerz und Freude, in Streit und Frieden, in Bewegung und Ruhe, und Gestalt und Ungestalt unendlicher durchdringt, berührt, und angeht und so ein himmlisches Feuer statt irdischem wirkt.

Endlich, auch wieder, weil die idealische Auflösung umgekehrt vom Unendlichgegenwärtigen zum Endlichvergangenen geht, unterscheidet sich die idealische Auflösung von der wirklichen dadurch, daß sie durchgängiger bestimmt sein kann, daß sie nicht mit ängstlicher Unruhe mehrere wesentliche Punkte der Auflösung und Herstellung in Eines zusammenzuraffen, auch nicht ängstlich auf Unwesentliches, der gefürchteten Auflösung, also auch der Herstellung Hinderliches, also eigentlich Tödliches abzuweichen, auch nicht auf einen Punkt der Auflösung und Herstellung einseitig ängstlich sich bis aufs Äußerste zu beschränken, und so wieder zum eigentlich Toten veranlaßt ist, sondern daß sie ihren präzisen, geraden, freien Gang geht, auf jedem Punkte der Auflösung und Herstellung ganz das, was sie auf ihm, aber auch nur auf ihm sein kann, also wahrhaft individuell, ist, natürlicherweise also auch auf diesen Punkt nicht Ungehöriges, Zerstreutes, an sich und hiehin Unbedeutendes herzwingt, aber frei und vollständig den einzelnen Punkt durchgeht in allen seinen Beziehungen mit den übrigen Punkten der Auflösung und Herstellung, welche nach den zwei ersten der Auflösung und Herstellung *fähigen* Punkten, nämlich dem entgegengesetzten Unendlichneuen, und Endlichalten, dem Realtotalen, und Idealpartikularen liegen.

Endlich unterscheidet sich die idealische Auflösung von der sogenannt wirklichen (weil jene umgekehrterweise vom Unendlichen zum Endlichen geht, *nachdem sie vom Endlichen zum Unendlichen gegangen war*) dadurch, daß die Auflösung aus Unkenntnis

ihres End- und Anfangspunktes schlechterding als reales Nichts erscheinen muß, so daß jedes Bestehende, also Besondere, als Alles erscheint, und ein sinnlicher Idealismus, ein Epikuräismus erscheint, wie ihn Horaz, der wohl diesen Gesichtspunkt nur dramatisch brauchte, in seinem *Prudens futuri temporis exitum* pp. treffend darstellt – also die idealische Auflösung unterscheidet sich von der sogenannt wirklichen endlich dadurch, daß diese ein reales Nichts zu sein scheint, jene, weil sie ein Werden des Idealindividuellen zum Unendlichrealen, und des Unendlichrealen zum Individuellidealen ist, in eben dem Grade an Gehalt und Harmonie gewinnt, jemehr sie gedacht wird als Übergang aus Bestehendem ins Bestehende, so wie auch das Bestehende in eben dem Grade an Geist gewinnt, jemehr es als entstanden aus jenem Übergange, oder entstehend zu jenem Übergange gedacht wird, so daß die Auflösung des Idealindividuellen nicht als Schwächung und Tod, sondern als Aufleben, als Wachstum, die Auflösung des Unendlichneuen nicht als vernichtende Gewalt, sondern als Liebe und beedes zusammen als ein (transzendentaler) schöpferischer Akt erscheint, dessen Wesen es ist, Idealindividuelles und Realunendliches zu vereinen, dessen Produkt also das mit Idealindividuellem vereinigte Realunendliche ist, wo dann das Unendlichreale die Gestalt des Individuellidealen, und dieses das Leben des Unendlichrealen annimmt, und beede sich in einem mythischen Zustande vereinigen, wo, mit dem Gegensatze des Unendlichrealen und Endlichidealen, auch der Übergang aufhört, so weit daß dieser an Ruhe gewinnt, was jene an Leben gewonnen, ein Zustand, welcher nicht zu verwechseln, mit dem lyrischen Unendlichrealen, so wenig als er in seiner Entstehung während des Überganges zu verwechseln ist, mit dem episch darstellbaren Individuellidealen, denn in beeden Fällen vereinigt er den Geist des einen mit der Faßlichkeit Sinnlichkeit des andern. Er ist in beeden Fällen tragisch, d.h. er vereinigt in beeden Fällen Unendlichreales mit Endlichidealem, und beede Fälle sind nur gradweise verschieden, denn auch während des Überganges sind Geist und Zeichen, mit andern Worten die Materie des Überganges mit diesem und dieser mit jener (transzendentes mit isoliertem) wie beseelte Organe mit organischer Seele, harmonisch entgegengesetzt Eines.

Aus dieser tragischen Vereinigung des Unendlichneuen und Endlichalten entwickelt sich dann ein neues Individuelles, indem das Unendlichneue vermittelt dessen, daß es die Gestalt des Endlichalten annahm, sich nun in eigener Gestalt individualisiert.

Das Neuindividuelle strebt nun in eben dem Grade sich zu isolieren, und aus der Unendlichkeit loszuwinden, als auf dem zweiten Gesichtspunkte das Isolierte,

Individuellalte, sich zu verallgemeinern, und ins unendliche Lebensgefühl aufzulösen strebt. *Der Moment, wo die Periode des Individuellneuen sich endet, ist da, wo das Unendlichneue als auflösende, als unbekannte Macht, zum Individuellalten sich verhält, eben so wie in der vorigen Periode das Neue sich als unbekannte Macht zum Unendlichalten verhalten, und diese zwei Perioden sind sich entgegengesetzt, und zwar die erste als Herrschaft des Individuellen über das Unendliche, des Einzelnen über das Ganze, der zweiten als der Herrschaft des Unendlichen über das Individuelle, des Ganzen über das Einzelne. Das Ende dieser zweiten Periode und der Anfang der dritten liegt in dem Moment, wo das Unendlichneue als Lebensgefühl (als Ich) sich zum Individuellalten als Gegenstand (als Nichtich) verhält, [...]*⁶

Nach diesen Gegensätzen tragische Vereinigung der Charaktere, nach dieser Gegensätze der Charaktere zum Wechselseitigen und umgekehrt. Nach diesen die tragische Vereinigung beeder.

Recebido em 02/02/2020

Aprovado em 17/08/2020

⁶ Lacuna do texto original.